

PREFÁCIO

.....

Desde a década de 1990, vem ganhando espaço, no Brasil, a análise relativa à dinâmica urbana, com a finalidade de evidenciar o quanto as metrópoles brasileiras são ou não tributárias de um modelo de gestão, designado planejamento estratégico, cujo objetivo seria inseri-las no circuito internacional de cidades mundiais, de forma a torná-las competitivas para atrair o capital flexível, e, assim, superar a crise fiscal de que são vítimas. Empreendimentos culturais de toda sorte se afigurariam, então, como ótimas oportunidades para produzir consensos em torno de investimentos em obras de infraestrutura urbana necessárias a projetar a cidade mundialmente e que, fosse de outra maneira, poderiam ser postas em questão.

Como bem tem demonstrado o debate produzido no Brasil desde os anos 2000, repercutindo as análises feitas para as metrópoles americanas e europeias, os eventos esportivos têm se destacado como âncoras eficazes na produção do consenso que envolve obras de reforma urbana, alterando, por vezes, o perfil original das cidades que passam, então, a ter função diversa e específica no "sistema mundial de cidades". Assim foi o caso de Barcelona, quando da ocasião das Olimpíadas de 1992, transformada em ícone desse modelo de gestão urbana, sobretudo porque aqueles que lhe fizeram a fama conquistaram o direito de dar consultoria ao redor do mundo de modo a transformar a sua prática histórica específica em modelo "eficaz" de gestão.

Portanto, recepcionar a Copa Mundial de Futebol da FIFA, em 2014, foi a possibilidade apresentada ao Brasil de observar como aqueles mecanismos condizentes ao planejamento estratégico seriam postos em prática em cada uma das cidades-sede, revelando sua maior ou menor proximidade aos eventos urbanos diagnosticados para outra realidade histórica.

Embora a pesquisa tomasse por hipótese teórica a discussão apresentada pela literatura especializada no tema, havia clareza de que era preciso não transpor modelos interpretativos, mas observar a peculiaridade do acontecimento no país, mais especificamente, na cidade de São Paulo, objeto dos artigos apresentados nesta coletânea. Tratava-se, portanto, de tomar como pontos de partida as condições locais – *territoriais* – em que seriam aportadas as intervenções urbanas necessárias ao abrigo da Copa.

Perguntar-se desde o início qual seria o território da Copa, na cidade de São Paulo, revelou-se perspectiva adequada, posto que o *spacial turn* produzido pela modificação na escolha do estádio a sediar o evento de abertura na cidade foi o que evidenciou a *estratégia* (planejamento estratégico) que se afigurava por trás da decisão exclusiva ao campo esportivo.

Como bem demonstra o artigo de Cláudio Couto, não é possível ir além dos interesses que perpassam a disputa entre os clubes de futebol, quando se trata de buscar respostas que indiquem o motivo pelo qual o estádio do Morumbi, de propriedade do São Paulo Futebol Clube, tenha sido preterido em favor do Estádio do Corinthians, hoje conhecido como Itaquerão, em que pesem as insistências de seus dirigentes e torcedores mais atávicos em negar o nominativo. No entanto, como também demonstra o autor, pouco ganhariam os partidos que hoje polarizam o poder na cidade – PT e PSDB – com a recepção do evento no distrito do Morumbi que, já majoritariamente eleitor do PSDB, teria dificuldades de aportar votos no PT. O contrário se observaria na Zona Leste, sobretudo no distrito de Itaquera, onde agora se localiza o estádio do Corinthians, pois que é área de extensa disputa entre os dois partidos, e carrear os sucessos da Copa para um ou para outro poderia, sem dúvida, produzir diferença nos ganhos eleitorais.

Além das disputas político-partidárias e no campo esportivo, também ficou claro que a Copa de 2014, em São Paulo, antes se acomodou aos projetos já existentes para a cidade que, se não estavam explicitamente visíveis, neles foi fundada de maneira a garantir, por meio do evento, que viessem a se tornar efetivos. O artigo que abre a coletânea evidencia o quanto as estratégias de desenvolvimento urbano, estranguladas em quase todas as direções da cidade (predominantemente ao norte e ao sul, em decorrência das áreas de preservação ambiental), se viram renovadas com a possibilidade de constituir o estádio e a Copa como vetores dinamizadores de um novo ciclo de desenvolvimento econômico da Zona Leste, suplantando a sua vocação industrial, e produzindo, mediante ações do poder público, a sua reconversão econômica em direção ao setor de serviços.

Diferente de nossa hipótese inicial, o Plano Diretor da cidade, em vigência desde 2002, não foi negado pela recepção da Copa, mas potencializado, garantindo que obras para ali previstas, consideradas relevantes para desenvolver a região, fossem retiradas do papel. Porém, como salientamos, seria preciso qualificar o que se entende por desenvolvimento econômico e atentar para o quanto tem sido histórico, na cidade de São Paulo, investimentos públicos e privados serem responsáveis por expulsar a população, em virtude da valorização imobiliária deles decorrentes.

É assim que importa chamar atenção para outros dois artigos, o de Dirce Koga e de Kelly Gago que, juntos, dão a dimensão do movimento que

está sendo operado na Zona Leste e que foi captado por meio da visibilidade dada à região com a recepção da Copa. Conforme mostra Dirce Koga, a Zona Leste de São Paulo não pode ser vista como um todo homogêneo. Ao contrário, observados os dados socioeconômicos e demográficos, apresentados pelos Censos Demográficos de 2000-2010, é possível considerar pelo menos três "zonas lestes". Segundo Koga, quanto mais próximos do centro estão os distritos da região, maior a sua identidade com o perfil socioeconômico da população mais bem posicionada economicamente em São Paulo; o inverso sendo verdadeiro: quanto mais distantes estão os distritos do centro, mais excluída das condições urbanas se encontra a população. O distrito de Itaquera situa-se exatamente entre estes dois polos e, portanto, ao atrair para si os investimentos e atenções do poder público, sem dúvida aparece como a fronteira por meio da qual avança pelo território a dinâmica de *gentrificação* observada nos anéis da Zona Leste mais próximos ao centro, cujo esvaziamento demográfico, dado inédito apresentado pelo Censo de 2010, é indicador significativo dessa mudança no perfil da população, como salienta a autora.

O mesmo vale para os dados relativos à valorização imobiliária, apresentados por Kelly Gago: se o distrito de Itaquera possui o valor do metro quadrado inferior ao dos distritos da Zona Leste mais próximos ao centro, o valor sobe quando comparado àqueles localizados para além da sua fronteira. Ou seja, os dados de valorização imobiliária também atestam o avanço da *gentrificação* direcionado à periferia da Zona Leste, levando à expulsão dos moradores tradicionais.

Tomando por perspectiva exclusivamente o município de São Paulo, pode-se dizer que a recepção da Copa de 2014 pôs em movimento, portanto, um redirecionamento do ciclo de desenvolvimento econômico da cidade, agora não mais voltado ao vetor sudoeste, que já vem dando claras mostras de saturação, mas em direção à região da cidade que, ocupada majoritariamente e historicamente pela classe trabalhadora, por meio dos investimentos públicos e incentivos fiscais, pretende ser transformada em novo polo de atração do setor de serviços, o que tem caracterizado a economia globalizada. Por essa via é possível não só demonstrar o quanto a *cidade global* tem se constituído como *telos do espaço concebido* pelo poder público, como também ressaltar que, confinada inicialmente a uma porção reduzida da cidade, vê agora oportunidade de expandir sua fronteira sobre novos territórios, no caso, o da Zona Leste.

Um dos indicadores que permite reafirmar essa hipótese é a mudança de direção que começa a ser operada no setor hoteleiro da cidade. O turismo tem sido comumente mencionado como o que sofre intensificação expressiva, decorrente de eventos como a Copa do Mundo. Conforme de-

monstra o segundo artigo desta coletânea, no que diz respeito exclusivamente à cidade de São Paulo, o setor pouco teve que se mobilizar para além de seu já frequente dinamismo, em especial na área de negócios. No entanto, ao observar mais de perto para onde caminham os empreendimentos hoteleiros, manifestou-se uma migração também em direção aos primeiros anéis da Zona Leste, abandonando a área tradicional de sua localização, concentrada prioritariamente no centro da cidade e no vetor sudoeste. A migração de dois hotéis de renomadas redes hoteleiras para aquela região evidencia que reproduzem tendência já apresentada para os investimentos do setor público, seguidos de perto pelo investimento do setor imobiliário formal.

Mais do que isso, no entanto, considerando que o setor hoteleiro está englobado por uma cadeia produtiva mais ampla e, sabendo que o forte na cidade de São Paulo é o turismo de negócios, a migração dos hotéis para a Zona Leste também indica que está sendo prevista uma dinamização da economia na região, que pode estar alicerçada a empreendimentos que não se confinam às fronteiras do município, mas localizados na Região Metropolitana de São Paulo. Hipótese que se vê também reforçada pelo crescente desenvolvimento de centros de convenções e pela consolidação de uma rede de captação e distribuição de eventos, por intermédio de parceiros nos municípios do entorno da cidade.

Portanto, tomando agora por referência a Região Metropolitana, a pesquisa sobre a recepção da Copa de 2014 produziu nova agenda de investigação, pois que revelou o andamento da reconfiguração da Zona Leste como *espaço de fluxos* para negócios que extrapolam a cidade de São Paulo. Principalmente se considerarmos que a maior parte dos investimentos para a recepção da Copa envolve aeroportos, portos e mobilidade urbana, o evento se constituiu como oportunidade determinante para dinamizar e incentivar investimentos no porto de Santos e no aeroporto de Guarulhos, bem como em obras viárias que permitissem a sua conexão – como é o caso da Avenida Jacu-Pêssego, estrutural na articulação intraurbana e metropolitana. A escolha do estádio bem na interconexão deste *espaço de fluxos* – o distrito de Itaquera – focalizou essa reconfiguração da Zona Leste como centralidade metropolitana e que pode estar relacionada aos negócios do pré-sal, em desenvolvimento no litoral paulista. Isto explicaria também por que são as atividades meio ligadas ao setor de serviços que têm sido incentivadas pela Prefeitura de São Paulo para se localizarem na extensão da Avenida Jacu-Pêssego. Tal hipótese ainda precisa ser comprovada, mas há suficientes indícios que apontam para a reconfiguração da dinâmica metropolitana de São Paulo, com o reposicionamento da Zona Leste.

A Copa de 2014, ao operar, por meio da escolha do estádio de futebol, o *spacial turn* dos investimentos públicos, foi essencial não só para revelar a expansão da cidade global no território do município, mas para tornar visível o papel estratégico que a Zona Leste poderá obter nos próximos anos. A verificar¹.



Uma pesquisa que tem por objetivo abarcar todas as dimensões dos impactos que um evento como a Copa de 2014 teve para a cidade de São Paulo não podia deixar de envolver e formar estudantes em todos os níveis. Assim, nesta coletânea, também são publicados os melhores artigos resultantes de pesquisas acolhidas no projeto mais amplo. A especificidade dos trabalhos e sua intertextualidade representam ainda o esforço de a equipe responder individual e coletivamente às demandas de investigação nos seus mais diferentes temas, e que foram surgindo durante o processo da pesquisa.

O artigo de Raul Andreucci, resultado de sua pesquisa de mestrado, enfrenta uma agenda original e, por isso, de difícil abordagem. Pois, segundo ele, muito se tem discutido sobre o que ocorre nas cidades, a partir do momento em que são escolhidas para sediar um evento esportivo, mas pouco se deslindam os trâmites que produzem a sua candidatura. Segundo ele, é nesse momento que a cidade se coloca na vitrine internacional e busca vitória por meio das expectativas que cria em torno de sua imagem. Do mesmo modo são relevantes os artigos de Elizângela Soares e Marcelo Rocco. Se for possível dizer que a Zona Leste está passando por um processo de reconversão econômica, capitaneada pelo poder público, visando atrair interesses privados, também é verdade que a população historicamente residente na região disputa os sentidos deste desenvolvimento. De forma mais direta, é disso que trata o artigo de Elizângela que demonstra como os moradores de Itaquera – embora não só – têm se mobilizado no sentido de canalizar em favor de seus interesses os investimentos para lá atraídos. A pesquisa identifica por meio da metodologia de redes como se converteram os movimentos sociais históricos da Zona Leste em atuações voltadas para o desenvolvimento econômico, concentradas no Fórum de Desenvolvimento da Zona Leste.

A pesquisa de Marcelo Rocco trata de um tema recorrente, com base em perspectiva inovadora. São muitos os trabalhos que apontam a expul-

¹ Está em andamento, em parceria com a ECA e a FAU-USP, a constituição do Observatório da Zona Leste, articulado ao Observatório das Metrôpoles de São Paulo (PUC-SP), cujo objetivo é desenvolver pesquisas que giram em torno dessa hipótese.

são da população das favelas para regiões cada vez mais periféricas da cidade, advinda da valorização imobiliária ou motivada por obras promovidas pelo poder público. No caso específico, Marcelo demonstra como as obras do Parque Linear Rio-Verde foram dinamizadas com a proximidade da Copa e o quanto a população da Favela da Paz se viu confrontada com a possibilidade de ser excluída dali. Contudo, não foi da perspectiva nem dos movimentos sociais, nem das famílias expulsas que Marcelo abordou o problema, mas sob a ótica das crianças. Foi por meio da apropriação que fazem do espaço cotidiano de suas brincadeiras que Marcelo pôde revelar os sentimentos que possuem em relação ao futuro que lhes reserva o mundo adulto.

Apropriação, no entanto, negada aos ambulantes pela Operação Delegada, como bem demonstra o trabalho de Eduardo Zambo, e que ganha atualidade quando, recentemente, um ambulante, na região da Lapa, se viu alvejado pela polícia ao contestar sua retirada do espaço público que ocupava. Também aqui a Copa aparece como oportunidade para levar adiante uma política de segurança pública em andamento na cidade de São Paulo, e que tem se notabilizado por reforçar a precariedade do trabalho do policial e, por meio dele, a criminalização do trabalhador informal.

Não é outra, senão a questão do espaço público, a discussão proposta por Caio Amaral dos Santos sobre a elitização dos estádios, o que também se verificou em São Paulo. Sobretudo se atentarmos para a maneira como foram vendidos os pacotes turísticos destinados aos jogos, como bem demonstram Fernanda Franco e Luane Vacchi. Estes dois trabalhos evidenciam um processo que perpassa a Copa, e que, diretamente relacionada à mercantilização do futebol, não opera somente dentro de campo, mas para além dele, quando o futebol se transforma em artigo de luxo na cesta dos atrativos turísticos, mobilizando diferentes setores da economia.

O artigo de Valter Costa merece atenção especial. Morador de Itaquera e membro atuante do Fórum de Desenvolvimento da Zona Leste, porta de entrada essencial para a realização do nosso trabalho de campo no distrito, deu voz às expectativas que rondam a Zona Leste, desde quando a classe trabalhadora desceu as colinas dos Campos Elíseos e passou a ocupar precariamente o entorno das fábricas e da linha do trem, hoje ladeada pela Radial Leste. Foi por meio dessa população que para lá avançou, ocupando seu território e lutando por ele, que a Zona Leste se fez obra, e que a população, durante a Copa, se viu com todo o direito de reivindicar.

Por fim, cumpre observar o contraponto crítico produzido pelo ensaio fotográfico de J.J. Name, que permite compreender não só os embates que estiveram presentes no distrito de Itaquera, durante a Copa, em torno da apropriação do seu território, assim como sinalizar a disputa que ainda

está por vir. Diante da assepsia das obras viárias que cimentaram o território de Itaquera, as cores em verde e amarelo da Favela da Paz sobressaem e adquirem novo sentido depois de os moradores terem conquistado o direito de ali permanecer, ainda que nada tenha sido alterado das condições precárias de moradia existentes desde 2012, quando visitamos a favela pela primeira vez. Cumpre agora garantir que essa permanência se traduza em melhores condições de urbanidade, mesmo quando não há mais holofotes postos na vizinhança do estádio.

Além de agradecer imensamente a todos aqueles que colaboraram com a produção de artigos para esta coletânea, ficamos gratas também aos que estiveram conosco num ou noutro momento da pesquisa e que muito contribuíram para o debate: os estudantes de iniciação científica Lara D’Larco (PUC-SP), Vinícius Pinho Meneses (PUC-SP), Talita Gonsales (UFABC), Elber Pergentino Almeida (UFABC); os doutorandos Renata Florentino Almeida (Unicamp), Adriano José Rosseto Júnior (PUC-SP), Rodrigo Paiva (PUC-SP), Alex Fernandes de Oliveira (PUC-SP), Edney Mota Almeida (PUC-SP); aos professores Ricardo Gaspar (PUC-SP) e Vitor Marchetti (UFABC); a Núria Pardillos, da Secretaria Municipal de Habitação da PMSP. Um agradecimento especial as nossas auxiliares de pesquisa Larissa Jordão Pinho, Luciana Mendonça e Elizangela Soares; a Eliana Rodrigues, pela elaboração dos mapas de lançamento imobiliário, e a Ulisses Sardão, por preparar os dados geo-processados.

E ainda nosso agradecimento aos profissionais de instituições que constituíram importante rede de interlocutores: StreetNet, SPCopa (Comitê Especial para a Copa do Mundo de 2014), Instituto Ethos, SPCVB (São Paulo Convention and Visitors Bureau), SPTuris (Secretaria Municipal de Turismo), Comitê Popular da Copa, Embraesp e o Comitê Paulista da Copa do Mundo da FIFA 2014. Especial reconhecimento aos moradores da Favela da Paz que nos receberam gentilmente em todos os momentos do trabalho de campo.

Agradecemos também à FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos – MCT) que financiou a pesquisa nacional e regional, à Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e à USP (Universidade de São Paulo) que financiaram as bolsas de pesquisa dos estudantes de mestrado, doutorado e iniciação científica; ao Observatório das Metrôpoles, na figura de seu coordenador nacional, Luiz César de Queiroz Ribeiro; ao Observatório das Metrôpoles de São Paulo, na figura de suas coordenadoras Lúcia Maria Machado Bógus e Suzana Pasternak; ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais (PUC-SP); ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola

de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA- USP, que acolheram institucionalmente a pesquisa.

Um especial agradecimento a Orlando Alves dos Santos Júnior, coordenador nacional da pesquisa, interlocutor essencial ao debate.

A Zona Leste é um mundo, muito além da Copa. E é sobre ela, afinal, que trata esta coletânea.

Mônica de Carvalho e Clarissa Gagliardi
Coordenadoras Regionais
São Paulo, setembro de 2014